

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**SIMPÓSIO 01:
DILEMAS DA REPRESENTAÇÃO NA ANTROPOLOGIA**

**Coordenador:
José Jorge de Carvalho (UnB)**

Assistimos nos anos oitenta a uma grande revolução teórica na Antropologia, liderada principalmente por antropólogos norte-americanos e que ficou conhecida como a crise da representação etnográfica. Questionou-se profundamente os pressupostos de transparência interpretativa embutidos na chamada etnografia realista, a qual havia dominado a Antropologia por mais de quarenta anos; e também os critérios de avaliação da autoridade do etnógrafo, até então tida como inconteste. Alguns reflexos dessa crise chegaram ao Brasil; contudo, já duas décadas após a sua eclosão, temos tido poucas discussões de âmbito nacional sobre como poderíamos incorporar os novos espaços de criatividade abertos por essa polêmica a partir de uma perspectiva epistemológica própria, isto é, tomando em conta as especificidades da nossa prática acadêmica e de nossas relações com as comunidades por nós estudadas.

Em vez de fixar-nos na idéia de crise, porém, parece-nos mais frutífero falar de dilemas, de modo a abrir assim um leque de possibilidades de propostas de reorientação ou crítica do saber antropológico tal como exercitado a partir do Brasil e da América Latina. Alguns dos tópicos que julgamos de especial relevância são: a) a questão do etnógrafo enquanto tradutor, porta-voz, mediador e às vezes co-autor de saberes produzidos ou enraizados nas comunidades que estuda; b) as alternativas para tentar refazer o discurso etnográfico para além dos modelos positivista e realista ingênuo - discurso indireto, dialogia e intertexto; técnicas de montagem, articulação de fragmentos, evocação em primeira pessoa, etc; c) revisão das teorias antropológicas vigentes com foco nas suas promessas de melhor representar a dinâmica cultural e social contemporânea.

CULTURAS, ETNICIDADE E CONTATO: PARA UMA TEORIA DA MEDIAÇÃO CULTURAL.

Paula Montero (USP)

O problema do contato já se tornou uma questão clássica da Antropologia. No entanto, suas resultantes teorias e conceituais parecem não constituir uma bagagem suficientemente sólida para enfrentarmos, hoje, o problema das relações interculturais. Termos como sincretismo, aculturação, reinvenção, multiculturalismo parecem ter permanecido a meio do caminho, entre o conceito e o valor. Em um momento em que o deslocamento de populações em grande escala torna cada vez mais agudo o problema das relações interculturais, repensar antropologicamente o problema do contato exige um balanço de nossos instrumentos teóricos e do próprio conceito de cultura que lhe dá suporte.

ESQUIZOANÁLISE E ANTROPOLOGIA.

Márcio Goldman (MN/UFRJ)

O objetivo básico deste trabalho é examinar a potencial rentabilidade de uma série de conceitos, elaborados por Gilles Deleuze e Félix Guattari em 'Mille Plateaux', para a prática etnográfica e antropológica. Conceitos como os de 'código e axiomática'; 'territorialidade, desterritorialização e reterritorialização'; 'subjetivação e singularização'; 'regime de signos e semiótica'; 'nomadismo e devir' -- entre outros -- deverão ser experimentados, seja através de um diálogo com elementos da tradição antropológica, seja confrontando-os com uma situação de campo: a 'política' em um segmento do movimento negro de Ilhéus, Bahia".

UMA RESENHA DAS CRISES CONTEMPORÂNEAS DA REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA.

Rita Segato (UnB)

Desenharei um mapa da crise que abala os pressupostos da etnografia em tempos de pós-estruturalismo a partir das contribuições dos seguintes autores: 1. Jacques Derrida e a crítica à anterioridade da experiência; 2. Mikhail Bakhtin e o caráter responsivo da fala; 3. Jonathan Culler - entre Derrida e Gadamer - e o fechamento arbitrário do contexto; 4. Homi Bhabha e a crítica da "diversidade" cultural como oposta à produção constante da diferença; 5. Judith Butler - entre Jacques Lacan e Michel Foucault - e a crítica da identidade a partir da teoria do sujeito

TRADUÇÃO E CO-AUTORIA: UMA LEITURA PÓS-ESTRUTURALISTA DE DOIS DILEMAS DA REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA

José Jorge de Carvalho (UnB)

A abordagem hermenêutica, sobretudo na versão difundida por Clifford Geertz, parece ser ainda hegemônica na construção das etnografias produzidas por antropólogos brasileiros. Apesar de questionar as noções mais simples de objetividade subjacentes às teorias funcionalistas e estruturalistas, o modelo geertziano ainda não enfrentou (passo prévio para uma possível absorção ou rejeição consciente) os questionamentos radicais que as teorias pós-estruturalistas impuseram aos pilares da representação etnográfica, seja pela vertente da linguagem, seja pela do poder e da construção do sujeito. Resumindo, representação em Ciências Humanas passa hoje também por auto-apresentação e contados estão os dias em que um “nós” acrítico e elitista ainda é capaz de unir toda a comunidade antropológica brasileira. Inúmeras fraturas de classe, raça, gênero, etnia, origem regional, idade, ideologia, entre outras, deverão ser incorporadas às etnografias para refazer os padrões de verdade, objetividade, realismo e pertença simultânea à comunidade e ao estado brasileiro.

Pretendo oferecer uma leitura pós-estruturalista da representação etnográfica, admitindo-a simultaneamente como um exercício de tradução (já que representar a voz nativa é traduzi-la, transformar o inter-texto que chamamos cultura do outro nesse novo inter-texto, informado pela teoria antropológica, que chamamos de etnografia) e como um processo de co-autoria, pois insere simultaneamente, numa mesma dimensão discursiva, a voz dita nativa e a voz do etnógrafo. Na verdade, o etnógrafo se envolve no processo de produção do texto etnográfico que pretende traduzir. Daí a função de co-autoria que transmite ao texto etnográfico uma singularidade irreduzível no rol dos textos que compõem, *latu sensu*, o vasto campo das Literaturas Comparadas (o qual inclui também a Antropologia). Ao discutir essas duas dimensões da representação etnográfica posso contrapor o pensamento hermenêutico ao pensamento pós-estruturalista da diferença, tanto na sua crítica ao poder e à formação do sujeito como na estratégia da desconstrução de um suposto texto original.

Para essa conceituação da tradução cultural convergirão idéias de Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Paul de Man, Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Jacques Derrida, além dos documentários etnográficos de Jean Rouch. Esses teóricos têm influenciado etnografias da década de noventa, como as de Marilyn Ivy, Judy Rosenthal, Michael Taussig e Paul Stoller, que iniciam a incorporação do pensamento pós-estruturalista à Antropologia.